

ENSINO MÉDICO E REFORMA UNIVERSITÁRIA

Eduardo Z. Faraco *

SINOPSE: A Reforma Universitária, enfocando, especialmente, aspectos relacionados com o Ensino Médico.

— INTRODUÇÃO

- 1 — CONHECIMENTO, NOVA FORMULAÇÃO
- 2 — CONHECIMENTO E APLICAÇÃO
- 3 — ÁREAS DE EFICIÊNCIA
- 4 — TERCEIRA FUNÇÃO
- 5 — URGÊNCIA E REPERCUSSÃO
- 6 — DIMENSÃO MISSIONEIRA
- 7 — INSENSIBILIDADE INSTITUCIONAL
- 8 — CONDIÇÕES CONTRASTANTES
- 9 — SAÚDE COMO UM TODO
- 10 — TRABALHO EM EQUIPE
- 11 — REVISÃO CURRICULAR

INTRODUÇÃO

A abordagem do tema pressupõe anterior incorporação de conceitos múltiplos e interdependentes. Assim, nossa linha de reflexão deve estrutu-

rar-se a partir de posicionamento ante os novos problemas nascidos das mutações científicas e tecnológicas, levando ao que deve ser a indagação final deste trabalho: por que e como reformar o ensino médico no Brasil? Inserida no quadro da Reforma Universitária, a Reforma do Ensino Médico visa, em última análise, romper as barreiras que, há séculos, isolam as instituições superiores de ensino de seu tempo e realidade, bem como integrar as escolas médicas ao nosso processo de desenvolvimento, através da formação de eficiente capital humano, cujo trabalho venha a se traduzir em imediato e expressivo aumento nos níveis de produtividade e bem-estar nacionais. As medidas necessárias à consecução deste ambicioso objetivo ultrapassam as fronteiras da ação administrativa e acadêmica, situando-se no amplo contexto de uma política global e integrada de reformas para a aceleração do processo desenvolvimentista nacional. O tratamento do tema — extenso e complexo — circunscrito aos limites do presente trabalho, permite-nos apenas uma visão geral dos grandes problemas nele envolvidos.

* Professor Titular do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina. Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. O aparecimento de novas tecnologias, a noção de uma economia mundial, o pluralismo das fontes do poder e o novo problema do conhecimento dimensionam a complexidade das transformações por que passa o mundo da era pós-industrial. As atuais mutações são tão rápidas e profundas que «a cada dia o homem se descobre como algo novo».

O fundamental, agora, é saber equacionar a multiplicidade de proposições, por meio do conhecimento, no amplo contexto da civilização nova.

Emergindo como centro da vida em sociedade e como fundamento da economia e da ação política, ao mesmo tempo em que provoca outras tantas transformações, significado, estrutura e posição do conhecimento estão mudando drasticamente.

As áreas do conhecimento inserem-se, assim, na constante mudança dos horizontes humanos. No caso do ensino universitário, as atuais «faculdades», «departamentos» e «disciplinas» não serão apropriados por muito tempo. Algumas dessas divisões já não o são.

Bioquímica e Genética não existiam há cem anos. Até mesmo a Biologia era incipiente. Não nos espante, portanto, o fato de ser cada vez menos significativa a distinção entre química orgânica e inorgânica. Já se projetam «cristais orgânicos», em que tanto a Química Inorgânica quanto a Física produzirão substâncias orgânicas. A antiga compartimentação do conhecimento torna-se um obstáculo às novas conquistas.

Também têm cada vez menos sentido as antigas linhas divisórias

entre a Fisiologia e a Psicologia, bem como as que separam o Governo da Economia, a Sociologia das Ciências do Comportamento, a Lógica, a Matemática e a Estatística da Linguística, e assim por diante.

Novas áreas de conhecimento, irredutíveis ao rigor da classificação existente, são criadas e introduzidas pelas transformações do meio e pelo aprimoramento da tecnologia. Os próprios fundamentos da visão do mundo encontram-se abalados pelas renovadas descobertas, que remodelam, inclusive, nossa percepção da realidade.

2. O fato de que estamos abandonando uma visão cartesiana do universo, que enfatiza as partes e os elementos, e adotando uma visão global, salientando o todo e os padrões, desafia qualquer linha divisória entre as áreas de estudo e o conhecimento. A hipótese mais provável é que as antigas demarcações tornar-se-ão não só obsoletas, como barreiras ao apredizado e ao conhecimento. Seu desaparecimento alargará as perspectivas de criação e a própria liberdade do homem, ampliando-lhe o campo de ação.

Como todas as demais instituições, a Universidade precisa criar condições próprias para abandonar o passado. Ela precisará ter, ao menos, liberdade para introduzir novas áreas de conhecimento e combinar as tradicionais de maneiras diferentes, sob pena de ficar à margem do tempo, eis que a grande transformação é irreversível, permanente e, talvez, interminável. Mas a eliminação da ordem tradicional só será possível quando a aplicação passar

a ser, efetivamente, o centro do conhecimento.

Até o século XIX, conhecimento e ação mantinham apenas pequeno contato. A ação baseava-se na experiência e nas capacidades dela derivadas. Na Europa, a escola sistemática tornara-se o pré-requisito do acesso a diversas profissões — Direito e Medicina, especialmente — verdadeiros monopólios legais assegurados e poderosos grêmios para restringir o ingresso e reduzir a competição.

Busca e ensino estavam dissociados da aplicação. Ordenavam-se «por assunto», conforme o que «parecia ser» a lógica do conhecimento. Falando a linguagem dos peritos em organização, podemos dizer que baseavam-se no «produto», e não no «mercado» ou «uso final».

Para que o conhecimento seja adequado à complexa problemática da Era Pós-Industrial, faz-se necessário mudar-lhe o próprio sentido. Reflexioná-lo não mais como um fim em si mesmo, mas como um recurso, ou seja, um meio para a consecução de um objetivo.

3. Chegamos, então, à constatação de que o conhecimento está se transformando em informação. Como energia central da sociedade, êle existe, de modo geral, na aplicação, empregado ao trabalho. E trabalho não se define em termos de «disciplinas». Os resultados finais serão, sempre e necessariamente, interdisciplinares.

«Áreas de eficiência», não mais «disciplinas», passarão a definir e organizar o trabalho das universidades. A «disciplina» continuará a ser necessária. Mas necessária como ins-

trumento, recurso, especialidade. Como consequência, está o fato de que a pesquisa pura nascerá da necessidade de alguma aplicação específica.

Surgem daí indagações de difícil resposta. O pesquisador tradicional perderá sua função? As pesquisas passarão a basear-se apenas nas questões levantadas pela aplicação?

Assim como as questões fundamentais do governo e da história originam-se, atualmente, do trabalho em uma área geográfica determinada, o impulso no sentido da teoria pura nas ciências físicas nasce, cada vez mais, dos novos instrumentos, como o acelerador projetado para trabalhar com partículas nucleares.

O especialista em determinada disciplina poderá ser o construtor dos instrumentos de amanhã. A disciplina acadêmica será uma unidade administrativa, e não uma área de trabalho, apredizado, ensino e estudo. A verdadeira área de trabalho dêste especialista deverá ser um «instituto», onde homens qualificados em todas as disciplinas trabalharão, em equipe, em determinada área da aplicação.

As atuais disciplinas transformar-se-iam naquilo que, em teoria da organização, conhecemos como «serviços de assessoria». É possível prever que o conhecimento das disciplinas, num futuro próximo, será fornecido por um banco de dados e a unidade de memória de um sistema de computadores.

Há dez anos, ninguém sonhava com êstes avanços. Hoje, as universidades trabalham seriamente nêles.

4. Emergindo no próprio centro da sociedade, o conhecimento soma

uma terceira função às tarefas tradicionais da universidade. Ao ensino e à pesquisa acresce a da prestação de serviços comunitários: a tarefa de transformar o conhecimento em ação; ação que se traduza em resultados para a comunidade. A universidade assume o papel de instrumento transformador da realidade, adequando seu trabalho às necessidades do contexto social em que se situa.

No momento, o grande problema das universidades reside na necessidade de orientar, cada vez mais, seu trabalho para a comunidade. A mobilização de energias de conhecimento, visando aplicá-los à obtenção de resultados para a comunidade, leva a universidade a avançar ainda mais na reestruturação do ensino. Reestruturação que será feita de acordo com as áreas mais importantes de aplicação, e não com a suposta lógica das disciplinas.

A organização do conhecimento é cada vez mais complexa e controversa. Logo, é impossível uma estrutura simples para a universidade.

O ensino, portanto, organizar-se-á segundo áreas de aplicação mais importante, que são interdisciplinares, e também visando a especialização em áreas mais restritas.

No ensino organizado à luz das áreas de aplicação, é preciso assegurarmos de que o estudante respeitará e valorizará a profundidade da análise necessária, a contribuição do especialista. E este último sempre terá em mente que emprega um instrumento que, isolado e por si mesmo, pouco poderá fazer em benefício da comunidade. O especialista saberá, então, relacionar sua especialidade

com o universo do conhecimento; e relacioná-la na prática, isto é, num conjunto interdisciplinar, aos resultados.

Atualmente, não sabemos realizar qualquer dessas tarefas. Isto explica, em parte, a profunda insatisfação dos estudantes.

Teremos, ainda, que reconhecer que a pesquisa não gera conhecimento, mas informação, e reconhecer a necessidade de nos organizarmos para a aplicação das informações aos resultados finais. Este somatório é o que reconhecemos como conhecimento.

Quais os homens que podem nos levar a esta meta, hoje colocada no centro das aspirações sociais?

O homem mais necessário é o que possa desenvolver e ensinar a aplicação, visando a consecução dos resultados finais, através dos conhecimentos e informações das demais disciplinas.

Precisamos também do homem que saiba, em seu próprio trabalho, reunir conhecimentos e habilidades de muitas disciplinas, e integrá-los todos na aplicação efetiva fora da universidade.

Finalmente, precisamos do homem de quem a educação superior, até hoje, jamais pensou necessitar: o administrador. Inúmeros elementos, oriundos de múltiplos setores específicos, devem ser organizados em novas divisões, para uma variedade de novas funções.

Todos estes agentes precisam ser capazes de atingir o objetivo maior do conhecimento, suas aspirações pessoais, e a própria satisfação no trabalho desenvolvido.

5. A necessidade de conformar a

universidade aos novos tempos, de adaptar-lhe o organismo às exigências da Era Pós-Industrial, estabelece com clareza a urgência de sua reforma. E no Brasil ela faz-se mais premente porque, até há pouco, a universidade brasileira era propedêutica e napoleônica. Permanecia atônita — quase paralisada — ante a rapidez e profundidade das mutações provocadas pelos avanços científicos e tecnológicos, ao invés de colocar-se à frente de todo o processo. Era um organismo estanque, semifeudal, que não se auto-avaliava nem realimentava. A partir de uma representação gráfica, podemos dizer que a reforma, em lugar de ser uma rampa de suave acesso, passou a ser um muro, que devemos galgar abruptamente. Usando uma linguagem comum aos biólogos, diríamos que ela deixou de ser uma endemia para assumir caráter epidêmico. Logo, o remédio deve ser aplicado imediata e maciçamente. Quando agredidos, os organismos respondem com uma tendência ao estado anterior. O organismo social, quando agredido, reage igualmente.

Os lendários imperadores chineses costumavam executar os arautos que lhes traziam notícias desfavoráveis ao equilíbrio social e político, que tão duramente mantinham em seus domínios. Mais tarde, porque ferida a própria inércia do poder, aquele que anunciava qualquer nova, boa ou má, passou a ser sacrificado.

Tempos novos estão sendo anunciados para a Universidade Brasileira; logo, é legítimo que se espere alguma forma de reação. Reação que já não se traduz no cutelo dos ve-

lhos mandarins, mas em toda a sorte de incompreensões e ataques.

As universidades são instituições conservadoras. Quem percorrer sua história no Continente Europeu verá que nenhuma das reformas importantes, quer em Rotterdam, Munich ou Oxford, realizou-se a partir de uma associação preliminar, dependente de homogeneidade. Todas foram desfechadas graças à liderança de um homem ou grupo de homens. Dado o momento político em que foi deflagrada, este fato permitiu que a reforma da Universidade Brasileira fôsse estrutural e, tanto quanto possível, próxima a uma concepção pura.

Não é lícito que se experimente sem que o modelo se aproxime da sua pureza, caso contrário, as variáveis tornar-se-iam de tal forma dependentes que não seria possível concluir se a reforma foi fecunda ou infecunda, válida ou não.

Devemos ainda chamar a atenção para o fato de que a reforma da Universidade Brasileira não depende do capricho dos homens que a lideram, mas é imposta e circunscrita por dispositivos legais, como os decretos 252 e 253. Em última instância, a lei estabelece os limites e a movimentação. Da mesma forma, os recursos financeiros são gabaritados legalmente. Quem não reformar — esta é a verdade — ficará marginalizado.

6. Basicamente, três são os tipos de universidades: as convencionais, de estrutura napoleônica; as primordialmente tecnológicas, das quais a Universidade Técnica de Berlim é um exemplo; e as chamadas universidades missionárias, ou produtivas.

Imposições econômicas, políticas e

sociais estão a dar conotação ou dimensão missioneira às universidades. O mais equilibrado exemplo que, a um tempo, satisfaz as exigências intramurais das universidades especializadas e as necessidades sócio-econômicas da comunidade, é o Instituto Weissman, de Israel.

Seus dirigentes tiveram a habilidade de manter rígidas as exigências internas comuns a todas as instituições superiores: um núcleo de homens lançados à pesquisa dita desinteressada, básica ou fundamental. Em torno deste núcleo, um número múltiplo de pesquisadores chamados interessados, pragmáticos ou missionários. O número central é livre, sendo inteiramente irrelevante se o significado prático de seu trabalho será mais ou menos imediato. Mas o grupo de pesquisadores missionários deve se nutrir no trabalho oriundo do núcleo central, com vistas às exigências sócio-econômicas do Estado de Israel. Acreditamos ser este um dos mais equilibrados exemplos de universidade contemporânea.

Nossa Universidade pretende aproximar-se desta concepção. Desejamos, a um tempo, resguardar a liberdade de criação em determinados núcleos, como levá-los a um trabalho integrado, coordenado ou interdisciplinar, que proporcione o que for necessário às opções comunitárias. Em termos de potência técnica este é um tipo de assistência que só a universidade tem condições de oferecer.

7. A tradição universitária latino-americana só agora toma consciência da nova realidade, a procura estabelecer eficientes canais de comunicação com as comunidades em que

se inserem as instituições superiores. O erro fundamental residia — reside, ainda — na incapacidade destas instituições em reconhecer a verdadeira natureza de seu papel no desenvolvimento de seus países. Sem aptidão para reconhecê-lo, falham na tarefa do planejamento educacional. Alguns dos obstáculos são de mera ordenação curricular, mas os problemas reais decorrem de uma insensibilidade institucional. Nossas universidades ignoram, com frequência, que «a ambição última de toda a ciência é elucidar a relação do homem com o universo conhecido». O ponto crucial da questão localiza-se, assim, na comunicação entre o mundo intramural da universidade e o mundo da realidade sócio-econômica.

A formação de profissionais médicos recebe o impacto direto de todas estas distorções, e seria ocioso enfatizar os graves prejuízos daí decorrentes, bastando a afirmativa de ser profundo seu reflexo negativo sobre a vida produtiva das nações.

Há um evidente descompasso entre as novas exigências para um eficiente exercício profissional e o ensino oferecido pelas escolas médicas, decorrência inevitável face ao ritmo progressivamente acelerado do progresso tecnológico, das mutações na organização social e das modificações econômicas de cada país.

8. Uma das peculiaridades a assinalar quanto ao panorama médico-social brasileiro é a existência em nosso território de uma contrastante convivência de séculos. As regiões da fímbria litorânea e urbana, em acelerado processo de desenvolvimento econômico e cultural, distam, talvez

em torno de um século, do interior rural e primitivo.

Essa diversidade faz com que os problemas dos centros desenvolvidos tendam a requerer maior concentração de esforços educacionais e médicos, impondo-se, ao mesmo tempo, a exigência de não sub-estimar o panorama do interior, sob pena de tremendas repercussões sobre a produtividade e integração nacional. Dêsse quadro, nasce um difícil desafio à medicina brasileira.

Ela deve adquirir condições para assegurar a produtividade de grandes massas atacadas de endemias nocivas à atividade econômica e, ao mesmo tempo, oferecer, nos centros desenvolvidos, recursos mais elaborados de atendimento individual.

A educação médica precisa estruturar-se para poder enfrentar e vencer este desafio, quer nas universidades, quer em entidades para-estatais ou privadas, ou estatais, geridas como se privadas fossem. E o planejamento deve incluir programas que abranjam:

- a) a obtenção, análise e difusão de informações;
- b) o estabelecimento de nomenclatura e taxinomia padronizadas, com vistas às estatísticas de morbidade e mortalidade;
- c) o treinamento em pesquisa;
- d) a oferta de opções — em nível nacional — para os grandes problemas de saúde;
- e) o estabelecimento de centros de treinamento para prevenção e reabilitação;
- f) a promoção, coordenação e execução de projetos específicos de pesquisa.

Uma moderna escola de medicina deve, portanto, oferecer a estudantes e professores um clima de precisão científica, de competência profissional, de níveis éticos elevados e sensibilidade humana, tudo isto através de uma organização eficiente, trabalho em equipe e uso racional de tempo e de recursos materiais.

Nos países em desenvolvimento, existem as mais variadas condições de trabalho. Ao lado do médico que opera com escassos recursos materiais e humanos, e que deve treinar seu pessoal auxiliar, há outro, que conta com a assistência de pessoal para-médico e auxiliar qualificado, formando uma equipe de alto domínio tecnológico.

Assim, a formação profissional do futuro médico desenvolve-se entre tais extremos. Esses fatos exigem que as escolas de medicina dotem seus alunos de capacidade de adaptação, através de sólida educação científica, combinada com excelente treinamento prático. Neste tipo de formação, deve-se dar ênfase ainda às técnicas de organização e administração educativas e aos modernos métodos pedagógicos.

9. Visando ampliar seus objetivos, nossas escolas médicas começaram a constituir departamentos de medicina preventiva. Mas, forçados pela tradição da autonomia acadêmica, que faz de cada disciplina um compartimento estanque, a solução encontrada foi aditar mais um aos compartimentos já existentes. Solução simplista para necessidade tão premente e para um programa que exige plena integração.

Tal orientação destina-se ao insu-

cesso. Ela deveria ser dirigida ao treinamento de estudantes para enfrentar os amplos problemas de saúde da comunidade, e não para centralizar seus conhecimentos apenas em conceitos de prevenção, em medidas de saúde pública e em medicina familiar, não encarando o cuidado da saúde como um todo. Neste sentido, deveria abarcar áreas de quase todos os departamentos das escolas médicas, sem exclusão dos departamentos básicos que, no desempenho de seu papel, fornecem aos estudantes conceitos essenciais à efetiva compreensão dos problemas integrados de saúde.

O médico deve visualizar a saúde como um sistema total — população, ameaças à saúde e recursos disponíveis — um sistema que possibilite a tomada de decisões integrais.

O conceitos de análise de sistemas, relações entre custo e benefício, métodos de experimentação e avaliação de dados precisam ser introduzidos no contexto da bioquímica, da fisiologia e de outras disciplinas.

Um departamento de medicina preventiva que simplesmente for aditado aos demais terá dificuldade em oferecer reais conhecimentos de saúde pública, por diversas razões, uma das quais será a atitude transmitida aos estudantes. Há uma grande diferença entre a realidade intramural da universidade e do centro médico onde o aluno é treinado e a realidade extramural, onde ele enfrentará grande quantidade de problemas. Os estudantes não alcançarão esta dura realidade externa apenas através de um ou dois departamentos, se os de-

mais não estiverem integrados no mesmo programa. A noção de saúde como um fato global deve ser clara e continuamente fornecida aos estudantes.

Enquanto isto não acontecer, será difícil aos membros de uma instituição educacional o compromisso com o mundo exterior, em termos de saúde. O isolamento que as universidades mantêm em relação à realidade de seus países é uma das duras verdades de nosso tempo e condição.

Aceitas estas premissas, a instituição poderá, então, prestar importante contribuição como prestadora de serviços a uma parcela definida da população.

Um departamento de medicina preventiva teria os papéis de catalizar e coordenar os esforços com vistas a este objetivo, e ainda os de criar e desenvolver habilidades específicas, como as referentes à epidemiologia e à bio-estatística. Teria a liderança primária no desenvolvimento do programa, mas a responsabilidade maior caberia à atividade inter-departamental e inter-institucional, incluindo os departamentos da escola médica bem como outras instituições empenhadas em educar elementos da Equipe de Saúde. Sem esquecer o fato de que, paralelamente, a formação médica não pode negligenciar o preparo do profissional capaz de se haver com um atendimento individual de qualidade crescente.

10. As atuais universidades e centros médicos universitários incorporaram à sua ação a histórica preocupação do médico para com o atendimento individual e sequencial

do paciente, refinando-a com o misto de arte e ciência que hoje oferece.

Reconhece-se que os cuidados modernos para com o paciente requerem a intervenção de pessoal médico, para-médico e auxiliar, funcionando como uma equipe coordenada. Infelizmente, com raras exceções, o estudante não é preparado para trabalhar adequadamente com os demais membros da Equipe de Saúde.

Esta equipe, da qual o médico é o líder natural, dada a tradição histórica e a cuidadosa formação científica que recebeu, muitas vezes trabalha desordenadamente porque, assumindo, uma atitude quase aristocrática, o médico é incapaz de delegar as atividades que prescindem de sua intervenção para melhor poder dedicar-se àquelas em que sua presença é absolutamente indispensável.

A universidade, porém, não o preparou para pensar e muito menos trabalhar segundo um princípio científico de organização dos serviços de saúde.

Voltamos, pois, a frisar que a responsabilidade por um programa de ensino integrado deve recair em todo o corpo docente, e não apenas em um departamento.

11. Existe a premente necessidade de revisar os currículos de nossas escolas médicas para a consecução desses objetivos mais amplos, eis que informações novas e cada vez mais complexas se acumularam com surpreendente rapidez nos últimos anos, enquanto os currículos persistiam em manter uma rigidez anacrônica. O ônus do problema repousa no planejamento educacional. Existe, hoje, maior densidade e complexida-

de de informações em uma só especialidade médica — patologia cardiovascular, por exemplo — do que existia, há poucas décadas, em relação a toda a Medicina. Além disso, como já encarecemos, tem havido exponencial aumento do conhecimento das disciplinas não-biológicas, que contribuem substancialmente para a ciência e prática médicas. Aos programas tradicionais, predominantemente orientados para a biologia, somam-se programas e/ou disciplinas que colocam ao alcance do futuro médico um completo «background» científico e tecnológico, incluindo, entre outras:

- ciências sociais e humanidades;
- matemática, física e química;
- bio-engenharia;
- bio-eletrônica;
- teoria das comunicações;
- controle de sistemas;
- técnicas computacionais.

De não menor importância são os conhecimentos básicos sobre o comportamento humano, a fim de que o médico valorize a reação do paciente à doença. Acrescente-se a absoluta conveniência de possibilitar ao estudante de medicina algum treinamento em pesquisa, desenvolvendo-lhe uma atitude crítica para identificar problemas não solucionados, bem como potencialidades para planejar métodos que o capacitem a resolvê-los, mostrando-lhe as dificuldades e riscos da coincidência na busca da verdade.

A interação de todas as facetas da explosão de informações criou para os educadores problemas de comunicação, que se estendem muito

além dos relacionados apenas com a educação dos estudantes de Medicina e dos programas de internato e residência, alcançando mesmo aqueles que já exercem plenamente a prática médica. Existe — ao nível da comunidade — um sério hiato entre o que se sabe em Medicina e aquilo que na prática é aplicado, visando tratar pacientes, salvar vidas ou atenuar sofrimentos. Devem ser procurados caminhos para consertar a logística deficiente ou imperfeita das comunicações na área das ciências da saúde, e para motivar mais ativamente os profissionais ao dever de aprender por todo o período de duração de suas vidas.

Avulta a necessidade — em nível nacional — de facilidades coordenadoras para interligar as novas informações da ciências relacionadas com a saúde e reduzi-las a/ou incluí-las em disciplinas. Faz-se também necessária uma organização, comissão ou grupo capaz de coordenar os programas educacionais de instituições regionais e, simultaneamente, servir como câmara que estabeleça os critérios para as oportunidades de pesquisa e treinamento, bem como para as necessidades materiais de tecnologia educacional.

RESUMO: Partindo da aceitação do fato de que o conhecimento situa-se no centro dos acontecimentos de nosso tempo, somos levados a aceitar uma visão integrada, que afasta as atuais linhas divisórias entre as «áreas de estudo» e o conhecimento, adotando «áreas de eficiência», que passarão a definir e organizar os trabalhos das universidades. Situa-

do assim, o conhecimento acresce uma terceira função às tradicionais tarefas da Universidade: a prestação de «serviços comunitários». A Reforma Universitária, na qual inclui-se a do Ensino Médio, cresce sobre estes fundamentos básicos. Organismo particularmente conservador, a Universidade tem sua reforma, no Brasil, estabelecida pela lei, e tende a uma concepção que, a um tempo, resguarde a liberdade de criação em seus núcleos e os leve também a um trabalho integrado, coordenado ou interdisciplinar, que proporcione à comunidade opções, em termos de potência técnica. O ensino médico, em sua reforma, considera tais diretrizes, e para tanto visará a formação de elementos capacitados não só a tratar de pacientes individual e sequencialmente, como a assumir a responsabilidade pela saúde de uma parcela definida da população. Não só o estudante será levado a encarar a saúde como um todo, através da ação interdepartamental ou inter-institucional, como faz-se urgente uma revisão curricular, com a inclusão de disciplinas não-biológicas, que contribuam substancialmente para a ciência e prática médicas.

SUMMARY: Accepting the fact that knowledge is at the center of the events of our time, we are induced to accept an integrated view, that puts off the lines of division between «areas of study» and knowledge, adopting «areas of efficiency» that will define and organize the works of the universities. In this setting, knowledge adds a third function to the traditional tasks of

the University: to lend «community service». The Reform of the University, which includes medical training, grows on these basic foundations.

Being a particularly conservative organism, the University has its reform, in Brazil, established by law and tends to a conception that will keep the freedom of creativity in its nuclei and lead them too, to an integrated, coordinated or interdisciplinary work, that will give options to the community, in terms of technical capability.

Medical training, in its reform, considers these lines of conduct and aims the training of individuals efficient not only in treating individual patients but in assuming too the responsibility for the health of a defined part of population. The student will be led not only to see health as a whole through the interdepartmental or interinstitutional action but the curriculum will also be revised with the inclusion of non-biological disciplines, that contribute substantially science and medical practice.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — BRYANT, John M. D. Health and developing world. Ithaca, Cornell University Press, 1969.
- 2 — CANÇADO, J. R. Doenças de Chagas. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1968. 666p.
- 3 — CUNHA, Nádia Franco da. A crise da educação escolar e as tarefas da Universidade. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 53 (118):258-73, abr./jun. 1970.
- 4 — FARACO, Eduardo Z. Panorama brasileiro em fase das cardiopatias e o desafio de condições contrastantes sobre a formação médica e a ação sanitária. Pôrto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1971 [Conferência apresentada no Congresso Brasileiro de Cardiologia, 27º. Brasília 11-17 julho de 1971]
- 5 — FARACO, Eduardo Z. Research in University Medical Schools: Reasons for and mechanics of execution. Geneve, United Nations Organisation, 1962.
- 6 — LOPES, F. et alii. Estudos de problemas brasileiros. Rio de Janeiro, Renes, 1970.
- 7 — MONOD, Jacques. La hasard et la nécessité. Paris, Seuil, 1970.
- 8 — WILSON, Lojan. The Academic man. New York, Octagon, 1964.

Dario Pedreiras 46 — 90.000 — Pôrto Alegre — RS — Brasil